

---

## As formas pronominais EU/TU – valor genérico e distanciação

---

*Isabel Margarida Duarte*

*CLUP – Faculdade de Letras/Universidade do Porto<sup>1</sup>*

*Maria Aldina Marques*

*CEHUM/ILCH – Universidade do Minho*

### **Resumo:**

Os modos de presença do locutor no discurso convocam estratégias variadas de discursivização de que decorre uma instabilidade enunciativa fundamental. Analisando um corpus de interações orais, estudaremos os valores generalizantes de “eu” e “tu”, em coocorrência com “nós”, “a gente”, “a pessoa”, “uma pessoa”, “o pessoal”, “as pessoas”, sublinhando a tensão enunciativa que resulta da junção da ocorrência da deixis pessoal, ancorada na permanência discursiva de um centro deíctico explícito, com uma perspectiva de distanciação do locutor relativamente ao seu dizer, no uso de enunciados generalizantes. O continuum entre valores deícticos dos pronomes e valores generalizantes permite um jogo entre inscrição e desinscrição enunciativa, útil para a apresentação de argumentos, mais ou menos assumidos pelo locutor, de acordo com o seu programa.

### **Palavras chave:**

Deixis, distanciação, genericidade, oralidade, (des)inscrição enunciativa.

### **Sumário:**

1. Introdução. 2. O uso dos pronomes pessoais no Português oral. 2.1. Valores generalizantes. 3. Instabilidades enunciativas e argumentação. 3.1. Valores referenciais de EU/TU. 3.2. Cadeias anafóricas e tomada de vez. 4. Conclusão. Referências bibliográficas

### ***Pronominal forms EU/TU – generic value and distantiation***

#### ***Abstract:***

*The modes of presence of the speaker in discourse bring together different strategies of discursivization giving rise to a basic enunciative instability. We aim at determine the pragmatic values of "EU" and "TU", in co-occurrence with "nós", "a gente", "a pessoa", "uma pessoa", "o pessoal", in a corpus of oral interactions. Our study highlights the enunciative tension resulting from the conjunction of the occurrence of personal deixis, anchored on an explicit discursive deictic centre, and a speaker's enunciative distantiation, by using generic*

---

1 PEst-OE/LIN/UI0022/2011.

*statements. The continuum linking deictic and generic values of pronouns allows a variation between enunciative inscription and dis-inscription, crucial to the argumentative process, and assumed by the speaker in different ways, according to his goal in the verbal interaction.*

**Key words:**

*Deixis, distanciation, genericity, spoken language, enunciative (dis-) inscription.*

**Contents:**

*1. Introduction. 2. The use of personal pronouns in oral Portuguese. 2.1. Generic values of personal pronouns. 3. Enunciative and argumentative instabilities. 3.1. Referential values of EU/TU. 3.2. Anaphoric chains and turn taking. 4. Conclusion. References.*

## 1. Introdução

Os modos de presença do locutor no seu discurso convocam estratégias diversas de discursivização, que se ordenam segundo um eixo gradativo entre pólos de objetividade e subjetividade que apenas podem ser tendenciais. Mais ainda, na globalidade configuracional de cada interação, ocorre por vezes uma confluência de estratégias de que resulta uma instabilidade enunciativa fundamental para os seus sentidos globais. A análise destes funcionamentos permite-nos evidenciar uma tensão enunciativa, ancorada na permanência discursiva de um centro déictico explícito, que resulta da conjunção da ocorrência da deixis pessoal com uma perspetiva de distanciação do locutor relativamente ao seu dizer, no uso de enunciados generalizantes, um termo que tomámos de Ali-Bouacha (1993: §31)<sup>2</sup>:

[...], l'énoncé généralisant se caractérise moins par l'absence de repérages situationnels que par sa disponibilité énonciative qui le rend à la fois itéré et itérable. Il ne renvoie pas à un discours sans sujets mais au contraire à un discours de tous les sujets.

Este autor assinala, ainda, que há uma gradação dessa generalização, uma opinião que partilhamos, como aliás iremos mostrar de seguida.

---

2 Bouacha distingue entre “générecité” (frásica) et “généralisation” (discursiva): “[...] la généralisation dans le discours pouvait constituer un domaine complémentaire à celui de la génécité et relativement autonome par rapport à lui. Au champ des contraintes syntaxico-sémantiques, elle allait permettre d'intégrer la composante inter-subjective. A la phrase générique, il était possible d'opposer l'énoncé généralisant.” (1993:§24)

## 2. O uso dos pronomes pessoais no Português oral

No *corpus* oral plurilocutores em análise, constituído por duas reuniões de professores do ensino secundário<sup>3</sup>, encontramos vários fenómenos que atestam a nossa hipótese de que a descrição do português oral ainda está por fazer (pelo menos no que concerne ao Português Europeu) e as gramáticas existentes quase nunca têm em conta os dados da oralidade. Deste panorama teórico-descritivo, são testemunho, por exemplo, as afirmações que aí encontramos sobre a ausência de pronomes sujeito em português, e que o quadro abaixo apresentado deveria levar a modalizar, pelo menos no que concerne à presença em interações verbais orais do pronome de 1ª pessoa “eu”:

[...] de qualquer maneira vou-vos dando isto... que pediram... para **eu** pedir na reunião... aquela ficha resumo de (-) [distribui uma síntese das planificações de cada disciplina]

(4) **E**: ah... que bonitinho, **eu** posso utilizar isto p'ρός... p'ρός dire... p'ρός encarregados de educação?

[...]

(8) **N**: foi porque **eu** não tinha na altura deste-me ontem mas... **eu não já... tinha fotocopiado.**>

(9) **E**: ah... mas **eu** envie*i*.

(10) **N**: mas **eu** não tinha de inglês, em excel, em folha de excel, não tinha >

(11) **C**: ah em excel não tinhas

(12) **N**: pois não, não tinha de inglês, nem de educação física.

(13) **P**: mas eu... mandei.

(14) **N**: em folha de excel, para mim?

(15) **P**: sim... para ti, não sei, para a directora de turma.

(16) **E**: e **eu** não reencaminhei?

(17) **N**: **eu** não a recebi o de educação física em excel

(18) **P**: **eu** já tenho

(19) **E**: não sei se mandaste, não sei, **eu** vou ser sincera, **eu** ainda não... não fiz uma pasta eh... mas olha eu dá-me ideia que não porque **eu** reencaminhei tudo para ela, e se não reencaminhei educação física é porque XXX

(20) **P**: **eu** acho esquisito XXX

(21) **N**: alteraste isso? temos que enviar isso, tens que me enviar... enviaste hoje?

(22) **E**: **eu** tenho ideia que não, é melhor mandar outra vez

(23) **N**: pois não, pois não XXX mas se calhar **eu** já tinha feito isso com os dela e foi... e ficou... XXX

3 E ainda por alguns excertos de interações verbais informais a seguir apresentadas.

[...]

**(33) C:** [...]e nós vimos XXX e **eu** amanhã vou propor para ver se eles aceitam como é obvio, que eles podem não aceitar XXX posso enviar (-)

[...]

O mesmo fenómeno é amplamente atestado no outro *corpus* referido na nota 3:

**eu** [muito] nerbosa // tanto qu'ela da segunda vez percebeu isso **eu** tremia toda **eu** estava sentada a frente dela / no gabinete assim / toda direita e ela // taba / taba a Júlia e acho que tabaaa a Elisabete acho **eu** acho qu'éramos as três // e **eu** sentia as pernas literalmente a tremer **eu** não- mesmo qu'**eu** quisesse parar **eu** não conseguia / expliquei-lhe / então ela no final do semestre chama-me p'ra dar as notas / *tás muito melhor / tu evoluíste muito / uma data de elogios // mas eu dou-te o [nove = ]*

De facto, estas ocorrências, muito frequentes na oralidade, contradizem o que está escrito nas gramáticas portuguesas. Veja-se, por exemplo, Cunha / Cintra (1984: 284):

Os pronomes sujeitos eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas) *são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam*, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa (...) (itálico nosso).

Num outro ponto da mesma gramática (Cunha / Cintra), os autores acrescentam: “*Convém usar com extrema parcimónia as formas pronominais da 1ª pessoa do singular, especialmente a forma recta eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.” (1984: 289) (itálico nosso).

Quanto ao emprego habitualmente referido nas gramáticas, e muito frequente, de “eu” e “tu” como deícticos, vejam-se os exemplos (1) e (2), em que “eu” é a pessoa que fala e “tu” aquela a quem se fala.

(1) (12) E: [...] **eu** achava que era importante nós aqui manifestarmo-nos sobre a nova filosofia destas aulas

(2) (121) Em: **tu** falaste bem... nós só podemos pedir um professor se ele estiver de atestado trinta dias

Sublinhe-se no entanto que, no *corpus* das reuniões de professores, “eu” é frequentemente sujeito de verbos epistémicos que atenuam a asserção posterior, a opinião do Locutor: *eu acho, eu queria dizer que*, e esta mitigação vai no mesmo sentido da construção de um consenso procurado, do reforço do *ethos* prediscursivo dos professores, assinalados noutro momento deste trabalho.

## 2.1. Valores generalizantes

Os dados que usamos para a nossa investigação, constituídos por excertos de duas reuniões de professores e de excertos de conversas informais são retirados de dois *corpora* constituídos por alunos do ILCH da Universidade do Minho e da FLUP. No primeiro caso, o *corpus* foi gravado e transcrito segundo as normas REDIP (Ramilo / Freitas 2002), por Elvira Fernandes (2010), no âmbito da sua tese de mestrado<sup>4</sup>; é composto por 4 horas de gravação, realizadas em outubro e novembro de 2009, e 38 páginas de transcrição integral de duas reuniões de professores de uma escola pública, da região do Porto.<sup>5</sup>

O objetivo do nosso trabalho é, precisamente, analisar os valores generalizantes de “eu” e “tu”, em coocorrência com “nós”, “a gente”, “a pessoa”, “uma pessoa”, “o pessoal”, “as pessoas”<sup>6</sup>.

Nas gramáticas tradicionais, a descrição destes elementos linguísticos reduz-se ao seu valor deíctico restrito: “eu” indica a pessoa que fala, “tu” a pessoa para quem se fala, etc.<sup>7</sup> Apenas em três gramáticas encontramos uns breves apontamentos que abrem perspetivas para outros usos, é o caso de Mateus *et al* (2003), que refere já os valores generalizantes de “tu”, como faz também Raposo *et al.* (2013) para “tu” e para “você”, e Maria Helena Moura Neves (1999), que refere os valores generalizantes de “eu”, para o Português Brasileiro. Mateus faz referência a um

“Sujeito com **interpretação arbitrária**, denominado indeterminado na tradição gramatical luso-brasileira”, que, entre outros, pode ser expresso “pela 2ª pessoa do singular de um verbo em frases com interpretação genérica (compare-se *Ajudas sempre os amigos e apesar disso eles criticam-te* com *One helps one's friends and they still criticize you*). (2003: 283).

4 Orientada por Maria Aldina Marques.

5 O segundo *corpus*, mais restrito, é constituído por excertos de cerca de 40 conversas informais gravadas e transcritas por estudantes da FLUP. As gravações foram transcritas, primeiro segundo as normas REDIP, mais tarde segundo as convenções do grupo Va.Les.Co, por estudantes das Unidades Curriculares de Projeto de Ciências da Linguagem e de Gramática da Comunicação Oral e Escrita, dos anos letivos de 2011-2012, 2012-2013 e por Paula Silva, para o Centro de Linguística da Universidade do Porto.

6 Também se encontra “um gajo” com o mesmo valor generalizante, em registos menos vigiados do que as expressões referidas. Exemplo: “L1: (...) a ouvir isto um gajo cansa... eu acho que uma cena sempre... que acho... que tentamos fazer na banda e eu próprio gosto de ouvir nas outras... as músicas têm de respirar meu... tem que haver momentos de relaxe e pumba...relaxe... isto é sempre a dar não pára... mas é Motorhead... também...”

7 Bouacha (1993: §34) sublinha que as categorias gramaticais, em que inclui as formas gramaticais *eu-tu* são pouco solicitadas no quadro de genericidade frásica.

Eis um exemplo do *corpus* em que o “tu” não é o alocutário mas um sujeito genérico paradigmático do conjunto de professores que poderão vir a aproveitar do trabalho a que se refere o Locutor:

(3) (346) N: < eu estou a preparar um dossier, que é uma caderneta de cada aluno que vai ficar dentro de uma mica, esse dossier vai ser um dossier para formação em contexto de trabalho. **tu** depois vais... cada actividade que tiveres vai pôr lá a avaliação dele, de cada aluno em cada mica,

Não se acrescenta muito mais na nova gramática da Fundação Gulbenkian (Raposo *et al.* 2013: 989):

Por sua vez, os pronomes pessoais de segunda pessoa (semântica) do singular, *tu* e *você* (incluindo a versão nula), podem receber uma leitura semelhante a uma interpretação genérica, na qual o ouvinte é implicitamente incluído num grupo que representa as pessoas em geral, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(27) a. Em Barcelona, se (*tu*) entras num museu sem camisa ou camisola, vais preso!  
b. Na América, se *você* não tem um cartão de crédito, não pode pedir um empréstimo ao banco.

Quanto à terceira gramática, Neves apresenta deste modo o valor generalizante do pronome pessoal de 1ª pessoa:

Também a forma pronominal **EU** – que, em princípio, é altamente determinada, já que é de **primeira pessoa** – ocorre com referência genérica. Assim, [...] pode-se pensar num enunciado em que o falante imagine o que qualquer pessoa pode vir a fazer, ou o que pode acontecer, em um determinado lugar, e construa um enunciado de atribuição genérica colocando-se como sujeito do enunciado:

— ***Eu** vou lá, fico dois dias fazendo o curso, eles **ME** catequizam, **ME** fazem comprar uma tonelada de sabão e abrir o meu negócio.* (Neves 1999: 463-464) (negrito e itálico no original)

### 3. Instabilidades enunciativas e argumentação

A análise que aqui desenvolvemos não se limita à frase como é o caso dos exemplos de PE que transcrevemos acima. E, na verdade, é por nos situarmos ao nível do discurso, da interação verbal global, que nos é possível considerar os valores que os pronomes deícticos aí assumem bem como as instabilidades enunciativas que o/a constituem.

O funcionamento generalizante dos elementos linguísticos estudados pode ser resumido no esquema abaixo apresentado e que passamos a explicitar. Há, nas estruturas estudadas, uma espécie de jogo subtil entre um uso caracterizado pela inscrição enunciativa e um outro marcado pela desinscrição enunciativa.

Quanto aos usos *generalizantes*, podemos efetivamente falar de desinscrição enunciativa, pois os pronomes não são usados de forma deíctica, não reenviando à situação enunciativa: o locutor põe em cena um enunciador, que reenvia a um grupo amplo e de contornos referenciais indefinidos. A desinscrição enunciativa, por apagamento da origem da “voz” corresponde, segundo Rabatel<sup>8</sup>, à passagem

... d'une énonciation personnelle à une énonciation impersonnelle, avec, en phase intermédiaire, la présence de formes personnelles ou de tiroirs verbaux «déictiques» dont l'interprétation ne dépend pas (ou plus) de données situationnelles, comme lorsque je, tu (nous, vous) prennent une valeur générique. (Rabatel 2004a : 19).

A este quadro teórico, acrescentamos um fenómeno que consideramos fundamental: a ambivalência que decorre da ocorrência das formas prototipicamente deícticas “EU-TU” nestes usos impessoalizados.

Assim, o facto de usarmos os pronomes mesmo quando se trata de indicar um grupo genérico e não apenas a pessoa que fala (eu) ou aquela a quem se fala (tu), etc., tem como efeito discursivo presentificar as situações descritas ou imaginadas, aproximar argumentativamente estas situações dos interlocutores concretos, presentes nas interações que constituem o nosso *corpus* de análise. Com efeito, os pronomes preservam esse “caractère irréductiblement indéxical” de que fala Mondada (2002) a propósito das interações verbais em geral. Esta presença de “eu” e “tu” em construções com valor generalizante produz um efeito de dramatização<sup>9</sup> que se assemelha ao efeito provocado pelo uso do discurso direto no relato de discursos imaginados usado na mesma situação. É uma estratégia argumentativa que pretende implicar os interlocutores em situações imaginárias que o locutor constrói a fim de tornar mais credíveis e aceitáveis os argumentos que está a usar. Estamos em

8 Ver também Rabatel (2004b, §11): «Même l'énonciation personnelle (...) est susceptible de relever de cette problématique, dès lors que le *je* ou le *tu* se trouvent comme vidés de toute référence pertinente à leur contexte de production.”.

9 Citamos mais uma vez Rabatel para acentuar as consequências das escolhas do locutor na construção da referenciação discursiva: «[...] il importe de ne pas réduire la référence à l'identification des référents: en tant que *mode de donation*, elle correspond à l'expression d'un point de vue de l'énonciateur sur ce référent ...» (Rabatel 2007: §2),

presença do que Fernanda Irene Fonseca (1996: 441-442) designou como deixis fictiva ou “mostração”<sup>10</sup>.

Mesmo que possa parecer contraditória, a conjunção da desinscrição com o valor generalizante dos pronomes tem também uma clara função argumentativa. Nesta perspetiva, o locutor não se identifica com o enunciador (total ou parcialmente), e o uso generalizante explica-se e justifica-se, na nossa opinião, por questões de *face*. Para evitar a ameaça da face de alvos potenciais, o locutor dissimula as suas opiniões, distancia-se, apresentando-as como alheias, i.e., “formes de percevoir qui ne sont pas les siennes” (Rabatel 2010: 363)<sup>11</sup>, e que não implicam (responsabilizam?) diretamente os seus interlocutores. O enunciador é mais abrangente que o locutor, pois está na origem de um ponto de vista com valor generalizante. Por exemplo, o uso do pronome “nós” com valor generalizante não só não inclui por vezes o locutor como pode mesmo ser equivalente de um “vós” ou de um “eles” totalmente disjuntos de L, que não partilha o ponto de vista expresso:

(4) Z: [...] porque a verdade é, esta, os alunos... nós hoje em dia temos são alunos carentes economicamente mas temos alunos carentes também de afecto e a um aluno que chega à nossa sala carente de afecto, se **nós** respondemos com uma palmada, um bofetão ou então ignorando-o, porque à... às vezes dói mais, eh, vou só dar um exemplo, dói mais, eh vou dar só um exemplo, dói mais eu estar aqui a dar uma aula e hoje ignoro aqui a D, [...].

Este procedimento atualiza um valor doxal dominante e comum a todos os participantes na interação, coincidente com o *ethos* coletivo dos professores, e que poderá ser representado num enunciado do género “no que concerne aos seus alunos, o professor é um líder e um profissional responsável”. Afirmar o contrário teria consequências necessariamente desfavoráveis para a argumentação em curso.

Nos exemplos seguintes, é claro que se trata de sequências em que há um certo jogo discursivo entre, por um lado, as generalizações, que visam preservar a face dos interlocutores e, por conseguinte, facilitar a construção argumentativa, ou, pelo

10 Escreve esta autora sobre a deixis fictiva: “[...] mostração “in absentia”, logo, ... mostração fictiva; sendo o acto de mostração que induz a evocação de um campo perceptivo, esta modalidade de deixis ilustra a possibilidade de criação, pela linguagem ... do seu próprio contexto referencial” (Fonseca 1992).

11 Neste sentido, afasta-se de Bouacha que, a propósito de usos similares aos que aqui consideramos, mas em sala de aula, e num quadro teórico desenhado pelo conceito de formação discursiva, fala de “[...] constitution d’une classe de locuteurs dont le *représentant idéal* serait, selon l’heureuse formule de Bachelard, «le professeur quelconque»”(Ali-Bouacha 1993: §21).



menos, assegurar que se é escutado e aceite, e, por outro, uma presentificação decorrente do uso dos pronomes que, apesar de tudo, reenviam, nem que seja simbolicamente, às pessoas do discurso, de forma a maximizar o comprometimento dos participantes, pela sua implicação no tema em discussão: a codocência, o absentismo, a indisciplina.

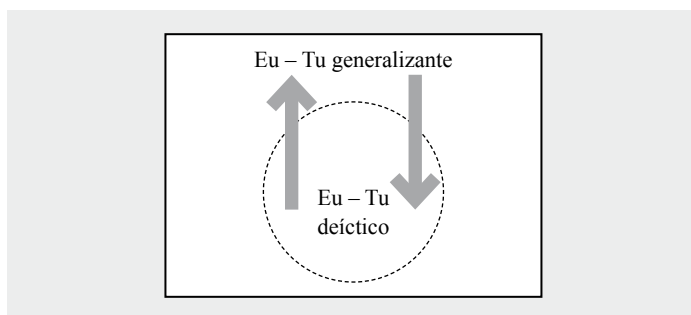
Estas sequências generalizantes com “eu”, “tu”, “nós”, “a gente”, “a pessoa”, “as pessoas”, e cuja função, como foi já acentuado, é argumentativa, são produzidas pelo locutor em momentos de desacordo ou mesmo de confronto, ao serviço de uma atitude de distanciação e avaliação negativa da codocência, do absentismo e da indisciplina. Trata-se sempre de um assunto polémico, a propósito do qual o locutor argumenta para o interior do próprio grupo:

(5) E: [...] eh... há depois *o problema das faltas dos professores que estão em co-docência*. e aqui *eu* pedia sugestões para, parece que há professores que estão a trabalhar em co-docência, mas as coisas não estão a correr assim muito bem [...]

Ainda que, neste exemplo, “eu” tenha um uso deíctico prototípico, ocorre num contexto em que vemos delinear-se um objeto discursivo tão problemático como o absentismo de professores em codocência.

Nas sequências que analisamos, é, aliás, evidente a ocorrência de cadeias anafóricas iniciadas por pronomes com valor generalizante (*a gente*, *eu*, etc.) que, no entanto, são substituídos anaforicamente, a um dado momento, pelo sintagma *o professor* (porque se trata sempre **do** professor e da construção do seu *ethos* coletivo), mesmo quando os participantes falam como se se tratasse de casos gerais.

As sequências generalizantes em contextos de desacordo são anunciadas por estruturas linguísticas variadas, introdutoras de mundos alternativos e que denominámos de *ativadores de valor generalizante*. É o caso das estruturas condicionais, com *se*, e de estruturas lexicais variadas: verbos modais (*pode* haver uma pessoa), verbos de atividade mental (*imagina*), ou expressões como *é assim*, *então*, *tipo*, ou *vou dar só mais um exemplo*, que são ativadores de ficcionalidade. A construção destes mundos alternativos (cumprindo a técnica retórica dos *exempla* com função explicativa) está ao serviço de uma estratégia de objetivização do discurso para tornar mais fortes os argumentos usados (uma espécie de força centrífuga que *distancia* os pronomes da situação enunciativa em que deveriam estar integrados, em princípio) por oposição a uma força centrípeta, subjetivizante, que, apesar de tudo, a presença dos deícticos não deixa de convocar, criando uma tensão entre distanciação e dramatização:



*duas forzas, uma centrífuga e outra centrípeta: distanciação e dramatização*

### 3.1. Valores referenciais de EU/TU

Assim, podemos resumir o tipo de presença e os mecanismos linguístico-discursivos que lhe estão associados, a partir de uma categorização que tem em conta a função dos *ativadores de valor generalizante* que “ajustam” o sentido<sup>12</sup>:

#### a) Valores referenciais deícticos

Os elementos estudados reenviam ao momento da enunciação (6) e ao locutor, participante na interação, quer seja individual quer seja coletivo; reenviam ainda a um locutor que tem o estatuto de coconstrutor do discurso (adquirindo então um valor metadiscursivo como em (7)). Em (8), num processo de relato de discurso, a cadeia anafórica evidencia esses valores deícticos atualizados em formas pronominais diversas:

(6) El: **eu**<sub>1</sub> acho que não há maneira de resolver, é como estamos... é... é combinar...

(7) E: **eu**<sub>1</sub> também vou ter que dizer uma coisa, há aqui professores... há aqui colegas que já deram aulas em escolas profissionais, também a trabalhar em co-docência, podem sugerir o que é que faziam lá

(8) J: [...] e a **gente** tentou “isto é importante para vocês, eu sei que vocês XXX”, vamos a ver se dá alguma coisa, **nós** já insistimos muito em cima deles

<sup>12</sup> Indexamos os pronomes *eu* e *tu* para marcar os valores diversos que assumem: índice1: deíctico; índice2: generalizante.

## b) Valores referenciais indeterminados

No que concerne ao processo de referenciação, são os pronomes *a gente* e *nós* que constroem um referente discursivo coletivo, de contornos imprecisos, que opacifica a delimitação e identificação do grupo referido, como em (9), e, aí em particular, torna saliente a questão da integração ou exclusão do locutor e do alocutário, como em (10) e (11):

(9) N: [...] está a faltar **gente**! Olhem, no ponto de vista de informações.... é que isto têm de vir ainda

(10) N: [...] mas depois eu fico cá convosco e depois a **gente** trata, se houver possibilidade de haver alguma articulação a **gente** trata

(11) An: [...] esta questão da co-docência às vezes também nos ensina um bocado **nós** tivemos uma situação idêntica com o desdobramento da biologia e da química nos cento e trinta e cinco minutos. **nós** temos que ver que estamos a lidar com pessoas que a maioria são extremamente cumpridoras

## c) Valores referenciais genéricos

No exemplo abaixo (12), *eu* e *tu* têm um claro valor generalizante. O *tu*, acusado de absentismo não é o interlocutor, é antes qualquer professor que falta às aulas com frequência. Por isso, *tu* será substituído na cadeia anafórica por “esse colega”, que funciona como um índice contextual, que confirma a nossa perspetiva de estarmos em presença de um *tu* generalizante. Do mesmo modo, *eu* tem como referente “qualquer professor em codocência” (equivalente, aliás, ao que ocorre com o referente de *tu*, i.e., “qualquer professor em codocência” que falte às aulas):

(12) Em: ó Ar então **eu**<sub>1</sub>... **eu**<sub>2</sub> tenho co-docência **contigo**, **tu**<sub>2</sub> faltas **eu**<sub>2</sub> dou aula, **tu**<sub>2</sub> nunca tens faltas. podemos combinar o ano todo

A: não, não... só vai ter quem não assina, vai ter de se arranjar um processo e **esse colega** vai ter de compensar com outro serviço

(13) An: tivemos até hoje o teu caso... aquele caso pontual, foi o único caso num período inteiro praticamente que estamos a entrar em Dezembro. e de qualquer maneira é como eu digo, o estudo acompanhado, partindo do princípio que a reposição é um direito que a **pessoa** tem sem dúvida uma vez que há estas novas regras,

(14) A: **eu**<sub>1</sub> acho... isto pode ser ilegal o **outro** por causa das horas e isso tudo mas também é ilegal de certeza **eu**<sub>2</sub> ser obrigada a faltar porque o meu... o meu

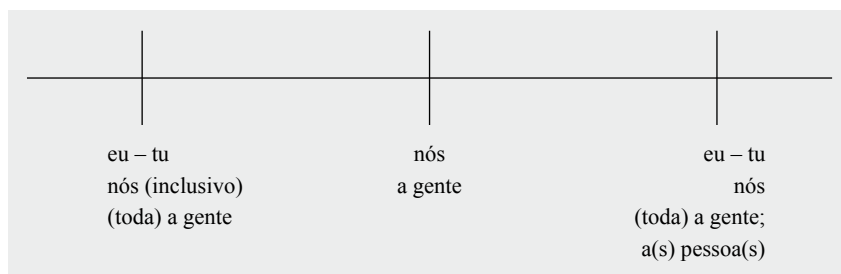
co-docente faltou ... nos profesionais que têm as horas mesmo exactas em que a **gente** não é substituída

(15) An: ó A se nós... nós criamos uma regra, desculpa lá, se nós criamos uma regra que é o professor que vem... estas ideias surgem depois de amadurecer muitas coisas, o professor que vem assume e o outro faz um serviço complementar noutro dia a marcar, tu<sub>2</sub> como é que fazes... liga-te um colega “olha eu hoje vou ter o décimo segundo l” vai o Arm, “Arm vais tu porque eu agora furou-se-me um pneu” e perante isto vais tu<sub>2</sub> e não tens alternativa e daqui a quinze dias eu<sub>2</sub> vou voltar a telefonar e vou dizer que acordei com febre e aquela turma que até é complicada tu<sub>2</sub> vais assumi-la setenta e cinco por cento do tempo e eu<sub>2</sub> vinte e cinco... porque há uma regra que me permite que façamos isso!

Em (12) e (13) os mesmos valores referenciais generalizantes são marcados pela ocorrência de *a pessoa* e *a gente* que têm como referente “o/qualquer professor” (“é um direito que o/**qualquer professor** tem sem dúvida”; “as horas mesmo exactas em que o/**qualquer professor** não é substituído”). Em (15) a partir de uma condicional que é um ativador de valor generalizante, começamos por ter um “nós” em que se inclui o eu e o tu (embora possa ser “nós, professores”, pode ser também “nós que aqui estamos nesta reunião”) mas, na sequência *tu como é que fazes, liga-te um colega* já estamos perante um “tu” generalizante e temos um “eu” generalizante também em sequências como *eu<sub>2</sub> vou voltar a telefonar*, por exemplo.

Consideramos, pois, pertinente afirmar que há uma gradação, um *continuum*, entre o mais inscrito na situação enunciativa, isto é, o que é deíctico, em que o locutor e o enunciador se identificam ( $L=E$ ), assumindo o locutor a responsabilidade enunciativa (PEC ou “prise-en-charge énonciative”, segundo Rabatel), e o menos inscrito, em que os usos de “eu”, “tu”, “nós”, “a gente”, “a pessoa”, “as pessoas” tendem para valores mais generalizantes, em que o locutor se distancia do enunciador ( $L \neq E$ ) e não assume a responsabilidade enunciativa (num funcionamento que Rabatel classifica de “quasi-PEC”)<sup>13</sup>. Entre o mais inscrito e o menos inscrito, encontram-se valores indeterminados de *a gente*, ou *nós*, que, nomeadamente, é opaco quanto à integração do locutor no grupo referido. Teremos assim um *continuum* de determinação - indeterminação - generalização:

13 Rabatel (2009: 71 e 73) introduz este conceito, que considera fundamental para explicitar adequadamente as “variétés de prise-en-charge énonciatives”: “...nous faisons dans une première partie l’hypothèse d’une «quasi-PEC», les guillemets soulignant que cette PEC n’en est pas vraiment une, mais qu’elle est toutefois nécessaire pour que L1/E1 puisse ensuite se déterminer par rapport à ce PDV...” e ainda “C’est cette quasi PEC, imputée à e2, qui permet ensuite à L1/E1 de se positionner par rapport à la position énonciative de e2.”



*um continuum: determinação - indeterminação - generalização*

### 3.2. Cadeias anafóricas e tomada de vez

A natureza dialogal destas interações condiciona as formas de encadeamento anafórico e permite uma construção interacional que mostra o processo de interpretação em curso; o locutor seguinte (L2) participa neste jogo enunciativo e prolonga a cadeia enunciativa, estabelecendo novas relações e novos referentes. No exemplo seguinte, L2 (M) retoma o sintagma “nós professores”, em conjugação com as formas verbais de 1ª pessoa do plural (“estamos a esquecer”), de L1 (Em), pelo uso do pronome de primeira pessoa agregado à reiteração do verbo *esquecer* (“me esqueceria”), revelando assim a interpretação realizada de “nós” como “tu”, ao serviço de um ato de crítica que agora contesta:

(16) **M:** mas também não é justo que o outro não possa repor quer dizer um pode e o outro não pode!... também, também, não é? acho que se pudermos olhar um bocadinho a todos, acho que toda a gente fica agradada

**Em:** não, ficamos *nós professores*, *estamos* a esquecer os alunos

**M:** não, não *me esqueceria* dos alunos

É a interpretação do alocutário, enquanto locutor seguinte, que revela, de forma sistemática, os diferentes valores referenciais das formas deícticas e que acentua a instabilidade enunciativa.

No exemplo (17), a progressão da cadeia referencial faz-se a partir de “uma pessoa” e “eu”, na intervenção de L1, para “essas pessoas”, em retoma realizada por L2, que marca um movimento de impessoalização e opacificação do referente, que L3 confirma (“não... muitas vezes nem se sabe quem são”):

(17) An: as regras... as regras normalmente criam-se quando há falhas sistemáticas [...] e o que o Em está a dizer e muito bem é que somos todos muito

diferentes pode haver **uma pessoa** A que combinamos e **eu**<sub>2</sub> durante um período inteiro dou duas aulas

A: ó An mas também ...

An: e digo-te já que já aconteceu e vamos ter essa situação

A: pois, mas **essas pessoas** têm que ser chamadas ...

Em: não... muitas vezes nem se sabe **quem** são

A instabilidade enunciativa, corroborada por este encadeamento heterogéneo, contribui para a construção do jogo ambíguo entre desinscrição generalizante e utilização de pronomes, com valor deíctico prototípico. Se o comprometimento dos participantes com o assunto discutido é reforçado pela enunciação ancorada nos pronomes pessoais (força centrípeta que aproximaria os interlocutores pelo uso deíctico habitual dos pronomes e pela situação enunciativa), a dramatização do discurso e das relações interpessoais é também acentuada pelo valor aspetual do presente do indicativo. Mas nestas sequências generalizantes, nestes usos, o presente não tem o momento da enunciação como ponto de referência, o *hic et nunc* dos interlocutores; trata-se sobretudo de um valor genérico, que serve os objetivos da interação e, simultaneamente, preserva a face dos interlocutores. Constata-se, pois, que há um jogo argumentativo que tem em conta as diferentes *formas de presença* dos participantes do discurso:

(18) E: [...] não sei se já sentiram algum problema

M: já, já, por acaso já.

E: na questão das faltas... e se têm alguma sugestão a dar para...

M: **eu**<sub>1</sub> na altura falei com a... com a An e era com o estudo acompanhado... portanto **eu**<sub>1</sub> precisei e sou professora... não é? que estou responsável na turma e como é que fazíamos com **a colega**<sub>1</sub> que está em co-docência comigo e na altura **eu**<sub>1</sub> falei com a An uma ideia para o estudo acompanhado... uma...

[...]

mas... mas imagina eh... **eu**<sub>2</sub> *sou* responsável pela turma, **o colega**<sub>2</sub> que *está* comigo muitas vezes está com o t e. eh...

Em: está sempre...

An: está sempre só um professor é que é componente lectiva ...

M: pronto. mas é assim, ele pode ficar com a turma e **eu**<sub>2</sub> *levo* as faltas, mas **eu**<sub>2</sub> também não *tenho* a possibilidade de repor?

No início desta sequência (18), há um relato de um episódio real, marcado pela ocorrência do “eu” deíctico e do *pretérito perfeito* (“falei”, “precisei”), em que o locutor especifica uma situação passada na sua vida profissional: ele é o responsável pela turma e conta um problema ocorrido com a colega com quem trabalha (“a colega que está em co-docência comigo”).

Mas de seguida, numa nova tomada de turno em que prossegue o relato do episódio, o locutor apresenta uma situação paradigmática, ficcionalizada, desencadeada pela expressão “mas, imagina” em que o “eu” que ocorre já não é deíctico e assume um valor generalizante, mesmo se a expressão linguística “estou responsável na turma” se repete quase *ipsis verbis*. Do mesmo modo, o outro participante na cena imaginada muda também; já não é mais “a colega que está em co-docência comigo”, é antes “o colega” (e, como sabemos, a forma de masculino é preferencialmente usada em português para marcar o valor genérico).

## 4. Conclusão

Em conclusão, os participantes têm como um dos seus objetivos discursivos preservar a face dos seus interlocutores. Este é um objetivo tanto mais importante quanto se trata de colegas de trabalho na escola e, como foi já apontado, o desacordo discursivo não pode pôr em causa esta relação pré-discursiva. Por outro lado, as estratégias usadas pelos participantes visam reforçar a eficácia e validade dos argumentos usados.

A variação das cadeias anafóricas, ao assegurar diferentes valores referenciais, cria uma instabilidade enunciativa e assinala, em consequência, uma desinscrição enunciativa desencadeada pelos valores generalizantes dos pronomes pessoais. A estratégia dos diversos interlocutores participantes na interação parece, pois, ser (e citamos Rabatel):

[...] masquer le mouvement subjectif de la critique par l'imposition d'un point de vue (personnel) qui se donne une apparence d'objectivité par le biais notamment de la désinscription énonciative, du retranchement de LI/El derrière la multiplication de sources énonçantes ou de l'énonciation sentencieuse. (Rabatel 2004b: 18)

Esta desinscrição, feita por intermédio da generalização, serve fins argumentativos, ao permitir (contra-) argumentar, preservando sempre a relação com o grupo de pertença, o que é alcançado pela construção de um equilíbrio que sustenta a imagem coletiva dos participantes/professores, mas sem esquecer que a estratégia generalizante reforça a argumentação. A satisfação destes objetivos é atingida, talvez de modo inconsciente, tendo em conta as « ruturas e descontinuidades »<sup>14</sup> enunciativas, os jogos entre distanciação e aproximação, que, como pretendemos demonstrar, decorrem dos usos dos pronomes.

---

14 Vion, 2004.

## Referências bibliográficas

- Ali-Bouacha, M. (1993): “Enonciation argumentation et discours : le cas de la généralisation”, *Semen* 8 (publicado em 06 de julho 2007). Disponível em URL: <http://semen.revues.org/3985> [consult. 22.05.2013].
- Cunha, C. / Cintra, L.F. (2000): *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Lisboa: Sá da Costa).
- Fernandes, E. (2010): *A escola como lugar de discurso(s), Relações de cortesia nas interações verbais formais entre professores* (Braga: Universidade do Minho, tese de Mestrado em Linguística Portuguesa e Comparada) (policopiada).
- Fonseca, F. I. (1996): “Deixis e pragmática linguística”, em I. Hub Faria *et al.* (ed.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, 437-445 (Lisboa: Caminho).
- Neves, M. H. M. (1999): *Gramática de usos do Português* (São Paulo: Unesp).
- Mateus, M. H. *et al.* (2003): *Gramática da Língua Portuguesa* (Lisboa: Caminho).
- Mondada, L. (2002): “L’indexicalité de la référence dans l’interaction sociale: constructions discursives du «je» et de l’«ici»”, *Revista da Abralin*, vol. 1, n.º 1, 127-169.
- Rabatel, A. (2004a) : “Stratégies d’effacement énonciatif et effets argumentatifs indirects dans l’incipit du *Mort qu’il faut* de Semprun”, *Semen* 17. Disponível em <http://semen.revues.org/2334> [consult. 18.05.2013].
- Rabatel, A. (2004b): “Effacement énonciatif et posture de surénonciation dans le “Dictionnaire philosophique” de Comte-Sponville”, *Langages* 156, 18-33.
- Rabatel, A. (2005): “La part de l’énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue”, *Marges linguistiques* 9, 115-136. Disponível em <http://www.marges-linguistiques.com> [consult. 22.05.2013].
- Rabatel, A. (2006): “La lecture comme activité de construction intersubjective du soi à travers l’approche interactionnelle du style”, *Lidil* [En ligne], 33 | 2006, publicado em 05 de dezembro 2007. Disponível em <http://lidil.revues.org/57> [consult. 14.12.2013].
- Rabatel, A. (2009): “Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée...”, *Langue Française* 162, 71-87.
- Rabatel, A. (2010): “Retour sur les relations entre locuteur et énonciateur. Des voix et des points de vue”, em M. Colas-Blaise, M., Kara, M. et Perrin, L. Petitjean, A. (éds), *La question polyphonique ou dialogique dans les sciences du langage*. Collection *Recherches linguistiques* 31, 357-373 (Metz: CELTED, Université de Metz).
- Rabatel, A. (2012a): “Sujets modaux, instances de prise en charge et de validation”, em *Le Discours et la langue* 6, 3 -2, 13-36.



- Rabatel, A. (2012b): “Positions, positionnements et postures de l’énonciateur”, *Travaux neuchâtelois de linguistique* 56, 23-42.
- Rabatel, A. (2012c): “Énonciateur, sujet modal, modalisation et modalité, em Maury-Rouan, C. (éd), *Regards sur le discours. Hommages à Robert Vion* 55-72 (Aix-en-Provence: Publications de l’Université de Provence).
- Rabatel, A. (2013): “Les relations Locuteur/énonciateur au prisme de la notion de voix”, em Ducard, D., Dufaye, L. Gournay, L. (éds.), *Les théories énonciatives aujourd’hui: un demi-siècle après Benveniste*, 212-231 (Paris: Ophrys).
- Ramilo, M. C. / Freitas, T. (2002): “Transcrição Ortográfica de Textos Oraís: Problemas e Perspectivas”, em Duarte, I. M. / Matos, S. / Hüsken, T / Barbosa, J. (eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, 2 vols., 55-68 (Porto: CLUP).
- Raposo, E. P. et al. (ed.) (2013): *Gramática do Português. I* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian).
- Vion, R. (2004): “Séquentialité, interactivité et instabilité énonciative”, *Cahiers de praxématique* [En ligne], 45 | 2006, document 2, publicado em 1 de junho 2009. Disponível em <http://praxématique.revues.org/111> [consult. 21.05.2013].

